

Malan critica PT e diz que CNBB age de "boa-fé"

Dívida Externa
Ricardo Allan
De Brasília

O ministro da Fazenda, Pedro Malan, voltou a criticar ontem a proposta de plebiscito sobre o pagamento da dívida externa brasileira que está sendo organizada pela oposição. Segundo ele, a consulta popular "tem uma clara motivação de natureza política". O ministro citou nominalmente as organizações que teriam interesse político no plebiscito. Além do PT, seriam o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e a Central Única dos Trabalhadores (CUT), mas

poupou a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) que, para Malan, está apoiando essa idéia de "de boa-fé". O ministro falou ontem sobre isso em entrevista à Rádio Gaúcha. A motivação da Igreja e do papa João Paulo II seria a redução da pobreza. Como a proposta do plebiscito não obteve apoio parlamentar, a consulta foi caracterizada por Malan apenas como uma manifestação de oposição. "Isso não terá nenhuma consequência. No limite, se tiver algum efeito não será positivo", disse.

O ministro se referia a um eventual aumento dos spreads

(prêmios) pagos no lançamento de bônus brasileiros no mercado externo. "Essa discussão já foi superada. A nossa dívida foi renegociada. Nós fizemos uma moratória em 1987 e levamos sete anos para sair dela", disse. Acrescentou que, apesar da proposta, hoje já existe uma percepção de que a dívida é administrável.

Malan explicou que existe um movimento mundial para o perdão das dívidas de países mais pobres, cujas dívidas superam o PIB em até três vezes. A situação é bastante diferente da do Brasil, que tem uma renda per capita até 20 vezes maior, assinalou.

A dívida externa total do Brasil é de US\$ 231,3 bilhões, 60% da qual diz respeito ao setor privado. Malan separou em duas vertentes a dívida do setor público, alvo da proposta da oposição. A de curto prazo, de US\$ 3,7 bilhões, é do financiamento de importações da Petrobras. A de médio e longo prazos, com vencimento em até 40 anos, soma US\$ 88,5 bilhões. Descontadas as reservas internacionais, sobram cerca de US\$ 60 bilhões. "Isso é muito menos do que o PIB brasileiro. Não há sentido na analogia com países mais pobres", afirmou.

Valor Econômico

30 AGO 2000